

OS SACRAMENTOS

ROCHA, Douglas Diego Palmeira



1. INTRODUÇÃO

A vida e os ensinamentos de Jesus e também a história dos primeiros cristãos revelaram à Igreja a existência de sete celebrações onde Deus está presente e pelas quais age de modo muito especial na vida de cada cristão e da própria Igreja. Essas sete celebrações são os sete sacramentos.

Cristo prometeu ficar com a humanidade até o fim dos tempos (cf. Mt 28,16-20). Portanto, Ele não só está presente entre nós, mas age e opera na Igreja. Os sacramentos são sinais dessa presença divina: por meio de Jesus faz com que sua graça chegue até nós.

Os sacramentos foram instituídos por Cristo e são em números de sete, a saber: o Batismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimônio. Os sete sacramentos têm a ver com todas as fases e momentos importantes da vida do cristão: conferem nascimento e crescimento, cura e missão à fé dos cristãos. Existe uma certa semelhança entre as fases da vida natural e as da vida espiritual. (CIC, 1210)

A definição exata de Sacramento é *“um sinal visível e eficaz da graça, instituído por Jesus Cristo, para nossa santificação”*. Todo sacramento é um sinal sensível e eficaz – palavras unidas a objetos ou a situações e gestos – realizado pela Igreja e que, de fato, comunica a vida divina à pessoa que o recebe. Os sacramentos visam à nossa santificação, à edificação da Igreja e ao culto de Deus.

Jesus Cristo escolheu sinais que faziam parte da vida do povo hebreu, pois naquele tempo quem se dispunha a mudar de vida se submetia a um banho de purificação e chamou a essa presença do Amor de Deus que age em nós: Espírito Santo.

Os sacramentos são expressões de fé, de união da graça e da benção de Deus que nos leva a comprometer cada vez mais com nossos irmãos, nos faz crescer na capacidade de servir e transformar a sociedade; por isso Deus nos criou para sermos felizes, nos deu inteligência e liberdade mas em troca pediu o nosso amor e nossa fidelidade.

Jesus Cristo é o grande sacramento do amor para com os homens: sinal **visível** e **eficaz**. **Visível** porque fez-se homem como nós, vivendo numa região definida e em tempo conhecido, presente em nossa história e **eficaz** porque quem crer em Jesus Cristo tem a garantia da salvação.

Podemos dividir a conceitualização em três partes: como um sinal sensível; instituído por Jesus Cristo; e como graça.

1º) Um sinal sensível: Constitui a parte material do Sacramento. Nos sinais que constituem a parte material de um sacramento, temos dois elementos: O primeiro denominamos **matéria = água do batismo**. O segundo elemento chama-se **forma**. São palavras ou gestos que dão significado ao ato.

2º) Instituído por Jesus Cristo: O poder humano não pode ligar a graça interior a um sinal externo. Isso é algo que somente Deus pode fazer, e que nos leva a segunda definição de Sacramento: “Instituído por Jesus Cristo”. A Igreja não pode criar novos Sacramentos, e não pode haver nunca nem mais e nem menos que sete, os sete que Jesus nos deu: Batismo, Eucaristia, Confirmação, Penitência, Ordem, Matrimônio e Unção dos Enfermos.

3º) Graça: Voltando a nossa atenção para o terceiro dos elementos, vimos que seu fim é dar a **Graça Santificante**. Graça é Deus conosco e nós em Deus. É sintonia em Deus e o homem. É estreita união.

Mas para recebermos a graça que os Sacramentos transmitem, é necessário que tenhamos disposições interiores. A quantidade de Graça recebida depende de nós, não depende de quem administra. Por esse motivo procuremos aprender a liturgia sacramental que é rica em gestos tornando presente a grande realidade que é Cristo, sendo que ele próprio se doa a nós como prova de amor infinito em todos os sete sacramentos.

Como o homem por seus esforços jamais poderia chegar a Deus, então Deus toma a iniciativa e chega até o homem através do sacramento. Convém ressaltar, enfim, que os sete Sacramentos, nos acompanham em toda a nossa vida espiritual.

Ordem Natural		Ordem Sobrenatural
Nascer	➔	Batismo
Crescer	➔	Confirmação
Alimento	➔	Eucaristia
Remédio	➔	Penitência
Comunidade	➔	Ordem
Matrimônio	➔	Matrimônio
Morte	➔	Unção dos Enfermos

Obs.: A Eucaristia ocupa um lugar único, como “sacramento dos sacramentos” (CIC, 1211). “Todos os outros sacramentos estão ordenados para este, como para o seu fim”. (S. Tomás de Aquino).

2. SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ

“Tarde te amei. Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim e eu te buscava fora de mim (...) Brillhaste e resplandeceste diante de mim, e expulsaste dos meus olhos a cegueira. Exalaste o teu Espírito e aspirei o teu perfume, e desejei-te. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e abrasei-me na tua paz”. (Santo Agostinho, *Confissões X*, 27,38).

Chamamos de Iniciação Cristã o conjunto de três sacramentos que inserem o fiel na vivência de fé. São o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, e constituem os fundamentos de toda vida cristã: os fiéis, renascidos pelo Batismo, são fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e nutridos com o alimento da vida eterna na Eucaristia.

Através dos sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia) são lançados os *alicerces* de toda a vida cristã (CIC 1212).

O Batismo nos incorpora a Cristo, tornando-nos membros do povo de Deus; perdoadando todos os nossos pecados e nos fazendo passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-nos em nova criatura pela água e pelo Espírito Santo. Assinalados na crisma pela doação do mesmo Espírito, somos configurados ao Senhor e cheios do Espírito Santo, a fim de levarmos o Corpo de Cristo quanto antes à plenitude. Finalmente participando do sacrifício eucarístico, comemos da carne e bebemos o sangue do Filho do homem, e assim recebemos a vida eterna e exprimimos a unidade do povo de Deus; oferecendo-nos com Cristo, tomamos parte do seu sacrifício. Assim, pelos sacramentos da iniciação cristã atingimos a plenitude da estatura de Cristo no exercício de sua missão no mundo e na Igreja (Cf. RICA, n. 2).

A iniciação cristã se dá na Igreja, pela Igreja e para a Igreja. A finalidade deste caminho que a Igreja assume como dom e responsabilidade visa servir e ajudar a pessoa para que possa se encontrar com o mistério de Cristo e, por este encontro de vida, consiga descobrir as riquezas de seu próprio mistério. Ao mesmo tempo que faz a experiência de Cristo em seu viver, a pessoa vai se integrando no corpo de Cristo e se tornando Igreja viva.

A pastoral da iniciação cristã desafia nossas comunidades e está muito longe de poder responder à situação da sociedade atual e dos fiéis. É necessário reconstruir um processo unitário, articulado e coerente de Iniciação cristã. “A catequese não deve ser ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã, mas sim ‘itinerário catequético permanente’. Por isto, compete a cada Igreja particular... estabelecer um processo catequético orgânico e progressivo” (DA 298).

Diante de um desafio de tamanha envergadura, mais do que melhorar nossas catequeses pré-sacramentais, o que necessitamos é repensar todo o processo de tornar-se cristão. A dimensão missionária da iniciação cristã, ‘deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais da Diocese e paróquias. Requer uma real conversão pastoral que vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária’ (cf. DA 370).

2.1. Batismo

Deus ao criar o homem, além da vida natural, concedeu-lhe uma vida sobrenatural. A graça sobrenatural ia ser a herança que todos os homens transmitiriam a sua posteridade. Mas o homem rechaçou a Deus cometendo o primeiro pecado, perdendo assim a Graça Santificante e a união com Deus.

O próprio Deus, na pessoa de Jesus Cristo, ofereceu a reparação infinita pela ingratidão do homem. Jesus iluminou o abismo que havia entre a divindade e a humanidade.

Para restaurar na alma a graça perdida, Jesus instituiu o Sacramento do **Batismo**. Através do Batismo a alma passa a participar da própria vida de Deus e a essa participação chamamos **Graça Santificante**.

Chama-se batismo por causa do rito central com que é celebrado: batizar significa “imersão” na água. O que é batizado é imerso na morte de Cristo e ressurgue com Ele como “nova criatura” (2Cor 5,17). Chama-se também “banho da regeneração e da renovação no Espírito Santo” (Tt 3,5) e “iluminação”, porque o batizado se torna “filho da luz” (Ef 5,8).

É o Sacramento da iniciação cristã, pois nos liberta do pecado original, nos faz sermos acolhidos pelo Pai e nos apresenta na Igreja a qual incorporamos e nos tornamos templos vivos da Santíssima Trindade: “Aquele que permanece em mim e eu nele, este dá muitos frutos, porque sem mim nada podeis fazer”.

O Batismo é como uma semente que se planta, mas que ao longo dos tempos, deve ser cultivada para que cresça e produza frutos; caso contrário de nada adianta. Assim se não for cultivada no dia-a-dia, na oração, na fé, na participação e na vivência de Deus, será uma semente que não germinará.

Como sacramento ele significa a vida nova que o cristão recebe, sendo apresentado na Bíblia através das figuras do Dilúvio (Gn 7) e a Passagem do Mar Vermelho (Ex 14, 15-31). Antes de Cristo, este sacramento era administrado por João Batista que pregava a conversão para a vinda do Salvador, por isso ele dizia: “Eu batizo com água, mas aquele que virá depois de mim vos batizará no Espírito Santo”.

A palavra **Batismo** vem do grego *Baptizium* que quer dizer: **Imergir em Água**.

Todo cristão deve permanecer fiel às promessas do Batismo, principalmente àquela de nunca perder a Vida Divina pelo Pecado Mortal, deve ser o “sal da terra e luz do mundo” e sendo assim, elevado a dignidade de filho de Deus.

A partir do dia de Pentecostes, a Igreja celebrou e administrou o Batismo: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então, recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2, 38).

Os batizados se vestem de Cristo. O batismo é um banho que purifica, santifica e justifica. Ele é um banho de água no qual a Palavra de Deus produz seu efeito de vida. O batismo nos abre as portas da Igreja. Faz de nós participantes da assembleia congregada na fé, que é a Igreja, o novo povo de Deus, o povo da nova e eterna Aliança.

Pelo batismo somos incorporados na Igreja, o Corpo de Cristo. Feito membro da Igreja o batizado não pertence mais a si mesmo (I Cor 6,19), mas àquele que morreu e ressuscitou por nós. Na comunhão da Igreja, o batizado é chamado a ser sinal e instrumento do Reino de Deus, a viver fraterna solidariedade e a praticar a justiça. O batizado assume um compromisso de viver e testemunhar, como membro de Cristo, a sua fé até as últimas consequências, de forma coerente e fiel.

Jesus Cristo, no início de sua vida pública, fez-se batizar por João Batista, no Jordão. Na cruz, do seu lado trespassado, derramou sangue e água, sinais do Batismo e da Eucaristia, e depois da Ressurreição confiou aos apóstolos esta missão: “Ide e ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,20).

O Batismo perdoa o pecado original, todos os pecados pessoais e as penas devidas ao pecado; faz participar na vida divina trinitária mediante a graça santificante, a graça da justificação que incorpora em Cristo e na Igreja; faz participar no sacerdócio de Cristo e constitui o fundamento da comunhão entre todos os cristãos; confere as virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e os dons do Espírito Santo (sabedoria, discernimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus). O batizado pertence para sempre a Cristo. É assinalado com o selo indelével de Cristo (caráter).

Listamos, por fim, os efeitos do Sacramento do Batismo:

1º) Paga a dívida que o homem tem com Deus ao nascer. Dívida essa contraída pelos nossos primeiros pais, através da desobediência para com Deus.

2º) O Batismo nos torna filhos de Deus, irmãos de Jesus Cristo e templos do Espírito Santo. Nós nos tornamos habitação da Santíssima Trindade. “Viremos a ele e nele faremos nossa morada”. (Jo 14,23).

3º) Infunde em nós as três virtudes teologais: Fé, esperança e caridade. Essas virtudes são infundidas em nós em forma de semente. Compete a nós, através da frequência aos Sacramentos, orações, leitura da Bíblia e boas obras, fazer com que essa semente germine, cresça e dê bons frutos.

4º) Nos faz herdeiros de Deus. Se somos filhos de Deus também somos herdeiros. E a nossa herança é o céu.

5º) É o princípio. É a porta de entrada para os outros Sacramentos. Sem o batismo não podemos receber nenhum outro Sacramento.

6º) Nos faz cristãos. Quer dizer, somos de Cristo. Aqui está nossa vocação cristã, tornamo-nos seguidores de Cristo. Parecidos com Cristo, pelas nossas obras, pela nossa conduta.

7º) Introduz à Igreja. O Batismo nos incorpora à Igreja, nos faz ser Igreja. Faz de nós membros vivos e comprometidos com a Igreja. A Igreja somos nós.

8º) Imprime caráter de Cristão. Se depois de batizados pecamos mortalmente, cortamos a nossa união com Deus e o fluxo da sua graça; perdemos a graça santificante, mas não o caráter batismal, que transformou a nossa alma para sempre.

2.2. Confirmação ou Crisma

Toda a vida e missão de Jesus se desenvolvem numa total comunhão com o Espírito Santo. Os apóstolos recebem o Espírito Santo no dia de Pentecostes e anunciam “as grandes obras de Deus” (At 2,11). Comunicam, por meio da imposição das mãos, o dom do mesmo Espírito e comunica-lo aos seus filhos.

A confirmação é o sacramento que, conferindo os dons do Espírito Santo em plenitude, inaugurado no batismo, põe o fiel no caminho da perfeição cristã e assim o faz passar da infância para a idade adulta, pois é o Sacramento da maturidade Cristã.

Podemos então dizer que a Crisma é o Sacramento da Confirmação do Batismo. É o Sacramento da Juventude. É o Sacramento por excelência do Espírito Santo. Crisma é uma palavra grega que significa: **óleo de ungir**. A palavra Confirmação tem aqui o significado de fortalecimento, pois deve tornar o cristão “forte e robusto” no espírito. Ungir é esfregar o óleo do Crisma na fronte do crismando em forma de cruz. Esse óleo usado na cerimônia de Crisma é consagrado na Missa da Quinta-Feira Santa.

Assim, três coisas são necessárias na administração da Crisma: A imposição das mãos sobre a cabeça do crismando; a unção com o óleo do Crisma na fronte do crismando; as palavras que o Bispo diz (“Recebe por este sinal os Dons do Espírito Santo”, ao que o crismando responde “Amém”). O rito essencial da Confirmação é a unção com o santo crisma (óleo misturado com bálsamos, consagrado pelo bispo), feita com a imposição da mão por parte do ministro que pronuncia as palavras sacramentais próprias do rito.

Normalmente é o Bispo que ministra o sacramento da Crisma, porém ele pode delegar esse poder a um sacerdote em sua ausência. Na celebração o Bispo faz essa Oração pedindo os Dons do Espírito Santo: “ Deus Todo Poderoso que, pela água e pelo Espírito Santo, fizeste renascer estes vossos servos, libertando-os do pecado, enviando-lhes o Espírito Santo: dai-lhes, Senhor, o Espírito de Sabedoria e Inteligência, o Espírito de Conselho e Fortaleza, o Espírito de Ciência e Piedade, e enchei-os do Espírito do vosso Temor.”

O Sacramento da Crisma deve provocar no crismando aquilo que o Espírito Santo provocou naqueles que estavam no cenáculo no dia de Pentecostes (At 2,1-47). Dessa forma, efeito da Confirmação é a efusão especial do Espírito Santo, como em Pentecostes. Tal efusão imprime um caráter indelével e traz consigo um crescimento da graça batismal: enraíza mais profundamente na filiação divina; une mais firmemente a Cristo e à sua Igreja; revigora na alma os dons do Espírito Santo; dá uma força especial para testemunhar a fé cristã.

Para que recebemos o Sacramento da Crisma? Comumente dizemos que a Crisma nos faz soldados de Cristo, que confirma o Batismo, Sacramento do adulto, da responsabilidade. Uma só coisa a Igreja nos garante sobre este sacramento: “Crisma nos concede o Espírito Santo”.

Olhando para a Bíblia, descobrimos que o Espírito Santo tem duas funções: primeiro, o de dar a vida através do Batismo; segundo, o de levar a vida até sua perfeição (santidade).

A confirmação nos dá, pois, o Espírito Santo para levarmos até a perfeição o que recebemos no Batismo. Chegar à perfeição segundo a vontade do Pai. Talvez possamos dizer que o Batismo constitui mais o aspecto estático ao passo que a Crisma expressa mais o aspecto dinâmico, evolutivo da vida cristã. Uma coisa é ser cristão simplesmente, outra é chegar a plenitude de santidade. Evoluir, é tomar novo impulso, crescer constantemente na vida iniciada no Batismo.

O YOUCAT – Catecismo Jovem da Igreja Católica – afirma que ser Confirmado-Crismado significa fazer um acordo com Deus. O confirmado diz: “Sim, eu creio em Ti, meu Deus! Dá-me o Teu Espírito para que eu te pertença totalmente, nunca me separe de Ti e te testemunhe com o corpo e com a alma, durante toda a minha vida, em obras e palavras, em bons e maus dias!”. E Deus diz: “Sim, Eu também creio em ti, Meu filho, e te darei o Meu Espírito e até a mim mesmo, pertencer-te-ei totalmente, nunca me separarei de ti, nesta e na vida eterna, estarei no teu corpo e na tua alma, nas tuas obras e nas tuas palavras mesmo que me esqueças, estarei sempre aqui, em bons e maus dias”.

De fato, não podemos permanecer semente; é preciso que a semente germine, cresça e dê frutos em abundância (cf. At 8,14-19). Assim sendo, a missão de cada crismado consiste em: ser bom fermento que leveda a massa; fomentar a caridade fraterna; comunicar aos outros o amor de Cristo que está nele; e testemunhar, com palavras e com atos, sua maturidade cristã e o desejo de sempre crescer até atingir a plenitude de Cristo. Assim, a confirmação não é, como muitos acreditam, um sacramento a mais; é o sacramento que faz o autêntico cristão, afinal ser cristão é comprometer-se com o Evangelho e ser coerente aos compromissos assumidos em relação a ele.

Por fim, já que tratamos acerca da presença e atuação do Espírito Santo e, visto que a imposição das mãos confere os dons do mesmo Espírito, convém que façamos uma rápida explanação sobre estes sete dons, já expressos acima:

1. Sabedoria: Não a sabedoria do mundo, mas aquela que nos faz reconhecer e buscar a verdade, que é o próprio Deus: fonte da sabedoria. Verdade que encontramos na Bíblia

2. Entendimento: É o dom que nos faz aceitar as verdades reveladas por Deus.

3. Conselho: É a luz que nos dá o Espírito Santo, para distinguirmos o certo do errado, o verdadeiro do falso, e assim orientarmos acertadamente a nossa vida, e a de quem pede um conselho.

4. Ciência: Não é a ciência do mundo, mas a ciência de Deus. A verdade que é vida. por esse dom o Espírito Santo nos indica o caminho a seguir na realização da nossa vocação.

5. Fortaleza: É o dom da coragem para viver fielmente a fé no dia-a-dia, e até mesmo o martírio, se for preciso.

6. Piedade: É o dom pelo qual o Espírito Santo nos dá o gosto de amar e servir a Deus com alegria. Nesse dom nos é dado o sabor das coisas de Deus.

7. Temor de Deus: Temor aqui não significa “ter medo de Deus”, mas um amor tão grande, que queima o coração de *Respeito* por Deus. Não é um pavor pela justiça divina, mas o receio de ofender ou desagradar a Deus.

2.3. Eucaristia

A Eucaristia é o sacramento que contém, sob as espécies do pão e do vinho verdadeiro, real e substancialmente presente o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o sacramento do amor; é a hóstia pura, hóstia santa, a hóstia imaculada; é o Santíssimo Sacramento, a Santa Comunhão. Afinal, Jesus disse: *“Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer desse pão viverá eternamente. E o pão que hei de dar é a minha carne para a salvação do mundo”* (Jo 6,51).

É o próprio sacrifício do Corpo e do Sangue do Senhor Jesus, que Ele instituiu para perpetuar o sacrifício da cruz no decorrer dos séculos até o seu regresso, confiando assim à sua Igreja o memorial da sua morte e ressurreição. É o sinal da unidade, o vínculo da caridade, o banquete pascal em que se recebe Cristo. A alma se enche de graça e nos é dado o penhor da vida eterna.

Ela é fonte e cume da vida cristã (cf. SC 10). Na Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja: o próprio Cristo, nossa Páscoa. A comunhão da vida divina e a unidade do povo de Deus são significadas e realizadas na Eucaristia. Pela celebração eucarística unimo-nos desde já à liturgia do céu e antecipamos a vida eterna.

A riqueza deste sacramento exprime-se com diferentes nomes que evocam alguns de seus aspectos particulares. Os mais comuns são: Eucaristia, Santa Missa, Ceia do Senhor, Fração do Pão, Celebração Eucarística, Memorial da Paixão; da Morte e da Ressurreição do Senhor, Santo Sacrifício, Santa e Divina Liturgia, Santos Mistérios, Santíssimo Sacramento do altar, Santa Comunhão.

Jesus Cristo está presente na Eucaristia de modo único e incomparável. Está presente de modo verdadeiro, real, substancial: com o seu Corpo e o seu Sangue, com a sua alma e a sua divindade. Nela está presente em modo sacramental, isto é, sob as espécies eucarísticas do pão e do vinho, Cristo completo: Deus e homem.

A sagrada Comunhão aumenta a nossa união com Cristo e com a sua Igreja, conserva e renova a vida da graça recebida no Batismo e no Crisma, e faz-nos crescer no amor para com o próximo. Fortalecendo-nos na caridade, perdoa os pecados veniais e preserva-nos dos pecados mortais, no futuro.

Aprofundando-nos ainda mais, pensemos nas figuras da Eucaristia no 1º e 2º Testamentos:

Ceia Pascal: A pedido de Deus, o povo de Israel deveria repetir a cada ano como lembrança ou memorial da libertação do jugo dos egípcios. (Lv 23,4-14)

O Maná: Deus alimentou o povo hebreu durante 40 anos no deserto com o maná. (Ex 16,4-36)

As duas multiplicações dos pães (Mt 14,13-21 e Mt 15,29-39)

Promessa da Eucaristia por Jesus Cristo (Jo 6, 35-51)

Já o sabemos: Foi na Quinta-Feira Santa que Jesus instituiu o sacramento da Eucaristia. As palavras de Jesus foram: *“Isto é o meu Corpo”* e *“Isto é o meu Sangue”*, o pão e o vinho se convertem no Corpo e no Sangue de Cristo (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,14-20). Em cada Missa, pelo poder dado por Cristo a todo sacerdote, torna-se presente o sacrifício de Cristo.

A Eucaristia dentre os sacramentos é chamada de Santíssimo Sacramento; por isso, a Igreja nos aconselha a adorarmos, agradecermos e louvarmos a Jesus presente na Santíssima Eucaristia.

Para recebermos com adoração a Eucaristia devemos estar em estado de graça (sem pecado mortal), estar em paz e harmonia com todos, ter fé (crer na presença real de Jesus Cristo na Eucaristia e viver como tal), guardar o jejum eucarístico (uma hora sem comer e nem beber antes da comunhão – nem chicletes, balas etc. Somente água), comungar com respeito e devoção.

Todo sacramento produz efeitos em nós. A Eucaristia aumenta em nós a graça santificante, pois nela encontramos e recebemos o próprio autor da graça: Jesus Cristo. Ao tratar sobre a Eucaristia, é indispensável falar na santa Missa, pois é no sacrifício eucarístico que a Eucaristia se realiza, especialmente na consagração do pão e do vinho.

A Missa é uma oração, a melhor das orações; a rainha, como dizia São Francisco de Sales. Nela reza Jesus Cristo, homem-Deus. Nós temos apenas de associar-nos. “O que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo dará”, disse Jesus (Jo 16,23).

São João Crisóstomo disse: “Durante a Missa nossas orações apoiam-se sobre a oração de Jesus Cristo”. Nossas orações são mais facilmente atendidas, eficazes, porque Jesus Cristo as oferece ao seu eterno Pai em união com a sua. Cada Missa eleva nosso lugar no céu e aumenta nossa felicidade eterna. Cada vez que olhamos cheios de fé para a Santa Hóstia, ganhamos uma recompensa especial no céu.

3. SACRAMENTOS DA CURA

Pelos sacramentos da iniciação cristã, o homem recebe a vida nova de Cristo. Visto que a trazemos “em vasos de barro” (2Cor 4,7) e que ela está ainda “oculta com Cristo em Deus” (Cl 3, 3). Vivemos ainda na “nossa morada terrena” (2Cor 5,1), sujeita ao sofrimento à doença e à morte. A vida nova de filhos de Deus pode ser enfraquecida e até perdida pelo pecado. (cf. CIC 1420)

O Senhor Jesus Cristo, médico das nossas almas e dos nossos corpos, que perdoou os pecados ao paralisado e lhe restituiu a saúde do corpo (cf. Mc 2,1-12) quis que a sua Igreja continuasse, com a força do Espírito Santo, a sua obra de cura e de salvação, mesmo para com os seus próprios membros. É esta a finalidade dos dois sacramentos de cura: o sacramento da Penitência e o da Unção dos enfermos. (cf. CIC 1421)

3.1. Penitência ou Reconciliação

É chamado Sacramento da Penitência, da Reconciliação, do Perdão, da Confissão, da Conversão. O próprio Cristo no dia da Ressurreição (Domingo de Páscoa) conferiu aos apóstolos o poder de perdoar os pecados: “Recebei o Espírito Santo, aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 21-23).

Chama-se sacramento da Penitência porque consagra um esforço pessoal e eclesial de arrependimento e de satisfação do cristão pecador. É também chamado de sacramento da Reconciliação porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia: “Reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20). É sacramento da Confissão porque à declaração dos pecados diante do sacerdote Deus concede o perdão e a paz. E é sacramento da Conversão, pois realiza-se sacramentalmente o convite de Jesus para o caminho de volta ao Pai, do qual a pessoa se afastou pelo pecado.

Quem vive do amor misericordioso de Deus, está pronto a responder ao apelo do Senhor: “Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão” (Mt 5,24). É no sacramento do perdão que Deus reconhece nossas falhas, nossa limitação, mas reconhece também nossa boa vontade. Jesus disse: “Não são os que tem saúde que precisam de médico, e sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: ‘Misericórdia quero, e não o sacrifício’. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mt 9,12-13; Am 5,21).

Requisitos para receber uma boa confissão

1º Exame de Consciência: Rezar e pensar nos pecados cometidos.

2º Contrição ou arrependimento: Tristeza dos nossos erros e de nossa falta de amor a Deus.

3º Propósito: Evitar o pecado e servir a Deus com mais amor.

4º Confissão: Acusação clara e objetiva dos pecados ou falhas cometidas.

5º Penitência: Nos é dada pelo sacerdote para demonstrarmos nosso arrependimento e a firmeza de nosso propósito de não mais pecar e de reparar as falhas cometidas.

Sem o perdão de Jesus Cristo, vivemos como filhos pródigos (Lc 15, 11-24). Na parábola do Pai misericordioso (cf. Lc 15,11-32), encontramos todos estes requisitos: fazer o exame de consciência, admitir o erro, ter o propósito de voltar para o Pai, confessar e admitir-se pecador diante do Pai e proferir a sua penitência. “Não sou mais digno de ser chamado seu filho” (Lc 15,21).

Santa Terezinha do Menino Jesus dizia: “Os nosso pecados por mais feios e numerosos que sejam, desaparecem diante da bondade de Deus, como uma gotinha de água no oceano imenso”. O Pai do céu nos ama tanto que nos quer sempre perto dele.

O apelo à conversão, deste modo, ressoa continuamente na vida dos batizados. Esta conversão é um empenho contínuo para toda a Igreja, que é santa, mas contém pecados em seu seio.

Os efeitos do Sacramento da Penitência são: a reconciliação com Deus e, portanto, o perdão dos pecados; a reconciliação com a Igreja; a recuperação, se perdida, do estado de graça; a remissão da pena eterna merecida por causa dos pecados mortais e, ao menos em parte, das penas temporais que são consequência do pecado; a paz e a serenidade da consciência, e a consolação do espírito; o acréscimo das forças espirituais para o combate cristão.

De fato, “O Senhor é compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor. O Senhor não nos trata como exigem nossas faltas, nem nos pune em proporção às nossas culpas. Como um pai é compassivo com seus filhos, o Senhor é compassivo com aqueles que o temem.” (Sl 103, 8.10.13).

3.2. Unção dos Enfermos

A compaixão de Jesus pelos doentes e as numerosas curas de enfermos são um claro sinal de que, com Ele, chegou o Reino de Deus e a vitória sobre o pecado, o sofrimento e a morte. Com a sua paixão e morte, Ele dá um novo sentido ao sofrimento, o qual, se unindo ao seu, pode ser meio de purificação e de salvação para nós e para os outros.

A Igreja, tendo recebido do Senhor a ordem de curar os enfermos, procura pô-la em prática com os cuidados para com os doentes, acompanhados da oração de intercessão. Ela possui, sobretudo, um sacramento específico em favor dos enfermos, instituído pelo próprio Cristo e atestado por São Tiago: “Quem está doente, chame os presbíteros da Igreja e rezem por ele, depois de tê-lo ungido com óleo em nome do Senhor” (Tg 5,14-15).

Este sacramento pode ser recebido pelo fiel que começa a encontrar-se em perigo de morte por doença ou velhice. O mesmo fiel pode recebê-lo também outras vezes se a doença se agrava ou então no caso doutra doença grave. A celebração deste sacramento, se possível, deve ser precedida pela confissão individual do doente. Para receber tal sacramento, é necessário e estar em estado de graça, isto é, sem pecado, e receber a Unção com fé, esperança, caridade e resignação à vontade de Deus.

O sacramento da Unção dos Enfermos, mediante a oração e a unção com óleo santo feita pelo sacerdote, concede ao doente a graça e o alívio espiritual e muitas vezes o conforto corporal, isto é, concede a saúde da alma e do corpo.

Ele confere uma graça especial que une mais intimamente o doente à Paixão de Cristo, para o seu bem e de toda a Igreja, dando-lhe conforto, paz, coragem, e também o perdão dos pecados, se o doente não se pode confessar. Este sacramento consente por vezes, se for a vontade de Deus, também a recuperação da saúde física. Em todo o caso, esta Unção prepara o doente para a passagem à Casa do Pai.

O óleo utilizado neste sacramento é um dos óleos que o Bispo abençoa na Quinta-feira Santa. O sacerdote unge a fronte e as mãos do enfermo. o corpo do homem ungido pelo Batismo é santo e por meio deste fazemos o bem. O Sacramento da Unção dos Enfermos faz com que estes tenham forças para testemunhar Jesus Cristo em meio ao sofrimento que passam unindo-se a obra redentora do Filho de Deus.

Os sinais sensíveis da Unção dos Enfermos, oração-unção produção de graça, instituição divina, são ministrados pelo sacerdote, de preferência pelo pároco. A matéria usada para a unção é o óleo de oliveira ou planta que é abençoado na Quinta-feira Santa. No ato da unção o sacerdote profere as seguintes palavras: “Por esta santa unção o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo. Deus em sua infinita bondade quis”.

4. SACRAMENTOS AO SERVIÇO DA COMUNHÃO

Dois outros sacramentos, a Ordem e o Matrimônio, são ordenados para a salvação nossa e dos outros. Se contribuem também para a salvação pessoal, é através do serviço aos outros que o fazem. Conferem uma missão particular na Igreja, e servem a edificação do povo de Deus. (cf. CIC 1534)

Nestes sacramentos, aqueles que já foram *consagrados* pelo Batismo e pela Confirmação (LG 10) para o sacerdócio comum de todos os fiéis, podem receber *consagrações* particulares. Os que recebem o sacramento da Ordem são *consagrados* para serem, em nome de Cristo, “com a palavra e a graça de Deus, os pastores da igreja” (LG 11). Por seu lado, “os esposos cristãos são fortalecidos e como que *consagrados* por meio de um sacramento especial em ordem ao digno cumprimento dos deveres do seu estado” (LG 48; cf. CIC 1533)

4.1. Ordem

É o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo aos seus apóstolos continua a ser exercida na Igreja, até ao fim dos tempos. Nela quem é ordenado recebe o dom do Espírito Santo, concedido por Cristo pelo bispo e que lhe dá autoridade sagrada. Nele “o sacerdote continua sobre a terra a obra redentora de Cristo”, afirma São João Maria Vianney.

Ordem indica um corpo eclesial, do qual se passa a fazer parte, mediante uma especial consagração (ordenação), a qual, por um particular dom do Espírito Santo, permite exercer um poder sagrado em nome e com a autoridade de Cristo para o serviço do povo de Deus.

Na Antiga Aliança, este sacramento é prefigurado no serviço dos Levitas, no sacerdócio de Aarão e na instituição dos setenta “Anciãos” (Nm 11,25). Estas prefigurações encontraram realização em Cristo Jesus, o qual, com o sacrifício da sua cruz, é o “único (...) mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2,5), “o Sumo-sacerdote à maneira de Melquisedec” (Hb 5,10). O único sacerdócio de Cristo é tornado presente pelo sacerdócio ministerial. “Só Cristo é o verdadeiro sacerdote, os outros são seus ministros” (S. Tomás de Aquino).

O sacramento da Ordem compõe-se de três graus, que são insubstituíveis para a estrutura orgânica da Igreja: o episcopado, o presbiterado e o diaconato.

A Ordenação episcopal confere a plenitude do sacramento da Ordem, faz do Bispo o legítimo sucessor dos Apóstolos, insere-o no Colégio episcopal, partilhando com o Papa e os outros Bispos a solicitude por todas as Igrejas, e confere-lhe a missão de ensinar, santificar e governar. O Bispo, ao qual é confiada uma Igreja particular, é o princípio visível e o fundamento da unidade dessa Igreja, a favor da qual exerce, como vigário de Cristo, o ministério pastoral, coadjuvado pelos presbíteros e diáconos.

A unção do Espírito assinala o presbítero com um carácter espiritual indelével, configura-o a Cristo sacerdote e torna-o capaz de agir em nome de Cristo Cabeça. Sendo cooperador da Ordem

episcopal, ele é consagrado para pregar o Evangelho, para celebrar o culto divino, sobretudo a Eucaristia, da qual o seu ministério recebe a força, e para ser o pastor dos fiéis. Embora seja ordenado para uma missão universal, ele exerce-a numa Igreja particular, em fraternidade sacramental com os outros presbíteros que formam o “presbitério” e que, em comunhão com o Bispo, e, em dependência dele, têm a responsabilidade da Igreja particular.

Por fim, o diácono, configurado a Cristo servo de todos, é ordenado para o serviço da Igreja sob a autoridade do Bispo, em relação ao ministério da Palavra, do culto divino, da condução pastoral e da caridade.

Para cada um dos três graus, o sacramento da Ordem é conferido pela imposição das mãos sobre a cabeça do ordinando por parte do Bispo, que pronuncia a solene oração consecratória. Com ela, o Bispo invoca de Deus, para o ordinando, a especial efusão do Espírito Santo e dos seus dons, em ordem ao ministério.

Vale lembrar que compete aos Bispos validamente ordenados, enquanto sucessores dos Apóstolos, conferir os três graus do sacramento da Ordem. Reforçamos também que só o batizado de sexo masculino o pode receber validamente: a Igreja reconhece-se vinculada a esta escolha feita pelo próprio Senhor. Ninguém pode exigir a recepção do sacramento da Ordem, antes deve ser considerado apto para o ministério pela autoridade da Igreja.

Quanto ao celibato, para o episcopado é sempre requerido o celibato. Na Igreja latina, para o presbiterado, são normalmente escolhidos homens crentes que vivem celibatários e têm vontade de guardar o celibato “pelo reino dos céus” (Mt 19,12). Nas Igrejas Orientais, não é consentido casar depois da Ordenação. O diaconato permanente pode ser conferido a homens já casados.

Finalmente, este sacramento dá uma especial efusão do Espírito Santo, que configura o ordenado a Cristo na sua tríplice função de Sacerdote, Profeta e Rei, segundo os respectivos graus do sacramento. A ordenação confere um carácter espiritual indelével: por isso não pode ser repetida nem conferida por um tempo limitado. Os sacerdotes ordenados, no exercício do ministério sagrado, falam e agem não por autoridade própria, e nem sequer por mandato ou delegação da comunidade, mas na Pessoa de Cristo Cabeça e em nome da Igreja. Portanto o sacerdócio ministerial difere essencialmente, e não apenas em grau, do sacerdócio comum dos fiéis, para o serviço do qual Cristo o instituiu.

4.2. Matrimônio

Deus, que é amor e criou o homem por amor, chamou-o a amar. Criando o homem e a mulher, chamou-os, no Matrimônio, a uma íntima comunhão de vida e de amor entre eles, “de modo que já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6). Abençoando-os, Deus disse-lhes: “sede fecundos e multiplicai-vos” (Gn 1,28). A união matrimonial do homem e da mulher, fundada e dotada de leis próprias pelo Criador, está por sua natureza ordenada à comunhão e ao bem dos cônjuges e à geração e bem dos filhos. Segundo o desígnio originário de Deus, a união matrimonial é indissolúvel, como afirma Jesus Cristo: “O que Deus uniu não o separe o homem” (Mc 10,9).

Por causa do primeiro pecado, que provocou também a ruptura da comunhão do homem e da mulher, dada pelo Criador, a união matrimonial é muitas vezes ameaçada pela discórdia e pela infidelidade. Todavia Deus, na sua infinita misericórdia, dá ao homem e à mulher a sua graça para que possam realizar a união das suas vidas segundo o desígnio originário de Deus.

Deus, sobretudo através da pedagogia da Lei e dos profetas, ajuda o seu povo a amadurecer progressivamente a consciência da unicidade e da indissolubilidade do Matrimónio. A aliança nupcial de Deus com Israel prepara e prefigura a Aliança nova realizada pelo Filho de Deus com a sua esposa, a Igreja.

Jesus Cristo não só restabelece a ordem inicial querida por Deus, mas dá a graça para viver o Matrimônio na nova dignidade de sacramento, que é o sinal do seu amor esponsal pela Igreja: “Vós maridos amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja” (Ef 5,25).

O Matrimónio não é uma obrigação para todos. Deus chama alguns homens e mulheres a seguir o Senhor Jesus na vida da virgindade ou do celibato pelo Reino dos céus, renunciando ao grande bem do Matrimónio para se preocuparem com as coisas do Senhor e para procurar agradar-lhe, tornando-se assim sinal do absoluto primado do amor de Cristo e da ardente esperança da sua vinda gloriosa.

Uma vez que o Matrimônio coloca os cônjuges num estado público de vida na Igreja, a sua celebração litúrgica é pública, na presença do sacerdote (ou da testemunha qualificada da Igreja) e das outras testemunhas. O consentimento matrimonial é a vontade, expressa por um homem e por uma mulher, de se entregarem mutua e definitivamente, com o fim de viver uma aliança de amor fiel e fecundo. Dado que o consentimento faz o Matrimónio, ele é indispensável e insubstituível. Para que o Matrimônio seja válido, o consentimento deve ter como objeto o verdadeiro Matrimónio e ser um ato humano, consciente e livre, não determinado pela violência ou por constrições.

Para serem lícitos, os matrimónios mistos (entre católico e batizado não católico) requerem a permissão da autoridade eclesiástica. Aqueles com disparidade de culto (entre católico e não batizado) para serem válidos precisam duma dispensa. Em todo o caso, é essencial que os cônjuges não excluam a aceitação dos fins e das propriedades essenciais do Matrimónio e que o cônjuge católico confirme o empenho, conhecido também do outro cônjuge, de conservar a fé e de assegurar o Baptismo e a educação católica dos filhos.

O sacramento do Matrimônio gera entre os cônjuges um vínculo perpétuo e exclusivo. O próprio Deus sela o consentimento dos esposos. Portanto o Matrimónio concluído e consumado entre batizados não pode ser nunca dissolvido. Este sacramento confere também aos esposos a graça necessária para alcançar a santidade na vida conjugal e para o acolhimento responsável dos filhos e a sua educação.

A Igreja admite a separação física dos esposos quando, por motivos graves, a sua coabitação se tornou praticamente impossível, embora se deseje uma sua reconciliação. Mas eles, enquanto vive o cônjuge, não estão livres para contrair uma nova união, a menos que o Matrimônio seja nulo e como tal seja declarado pela autoridade eclesiástica.

Fiel ao Senhor, a Igreja não pode reconhecer como Matrimônio a união dos divorciados recasados civilmente. “Quem repudia a própria mulher e casa com outra comete adultério contra ela; se a mulher repudia o marido e casa com outro, comete adultério” (Mc 10, 11-12). Para com eles, a Igreja desenvolve uma atenta solicitude, convidando-os a uma vida de fé, à oração, às obras de caridade e à educação cristã dos filhos. Mas eles não podem receber a absolvição sacramental nem abeirar-se da comunhão eucarística, nem exercer certas responsabilidades eclesiais enquanto perdurar esta situação, que objetivamente contrasta com a lei de Deus.

A família manifesta e realiza, assim, a natureza de comunhão e familiar da Igreja como família de Deus. Cada membro, a seu modo, exerce o sacerdócio baptismal, contribuindo para fazer da família uma comunidade de graça e de oração, escola das virtudes humanas e cristãs, lugar do primeiro anúncio da fé aos filhos.

O Matrimônio é um sacramento que estabelece uma santa e indissolúvel união entre um homem e uma mulher e lhes dá a graça de se amarem, procriarem e educarem seus filhos: “...cada homem tenha sua mulher e cada mulher seu marido. Que o marido cumpra seu dever em relação a mulher e igualmente a mulher em relação ao marido. A mulher não dispõe de seu corpo, mas sim o marido. Igualmente o marido não dispõe de seu corpo, mas sim a mulher. Não se recusem um ao outro...” (1Cor 7, 2-5)

Esse sacramento foi instituído pelo próprio Deus no início da criação quando deu a Adão uma companheira – Eva – para que vivessem juntos, numa só carne, em amor fiel e indissolúvel.

Quando um homem e uma mulher procuram o matrimônio cristão é porque Deus os chama para mudar o significado do amor que um sente pelo outro, para submergir o amor humano no mistério do amor de Deus.

O dom do sacramento é ao mesmo tempo vocação e dever dos esposos cristãos, para que permaneça fiel um ao outro para sempre, para além de todas as provas e dificuldades, em generosa obediência, a santa vontade de Deus: “o que Deus uniu, não separe o homem”.

Os esposos cristãos são chamados a dar testemunho e Cristo em seu amor mútuo. A isso nos comprometemos mediante o sacramento do matrimônio, a presentear-nos um ao outro não só a luz e o calor do próprio amor, mas tornar isto um sinal de reflexo vivo desse sol de amor que é Cristo. Este compromisso tão audaz se apoia em outro que contrai o próprio Senhor: através do sacramento que Ele nos oferece como ajuda à força de seu próprio amor.

O sacramento do matrimônio que retoma e especifica a graça santificante do Batismo, é a fonte própria e o meio natural de santificação para os cônjuges. Em virtude da morte e ressurreição de Cristo, dentro do qual se insere novamente o matrimônio cristão, o amor conjugal é purificado e santificado: “O Senhor dignou-se sanar, aperfeiçoar e elevar este amor com um dom especial de graça e caridade”.

O dom de Jesus Cristo não se esgota na celebração do matrimônio, mas acompanha os cônjuges ao longo de toda existência.

5. SIGLAS

- CIC Catecismo da Igreja Católica.
- DA Documento de Aparecida. Doc. Conclusivo Vª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano Aparecida-SP, Brasil, 2007.
- LG Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II “*Lumen Gentium*”, sobre a Igreja, 21/11/1964.
- RICA Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.
- SC Constituição Conc. Vaticano II “*Sacrossantum Concilium*”, sobre a Sagrada Liturgia, 4/12/1963.
- YOUCAT Catecismo Jovem da Igreja Católica

6. BIBLIOGRAFIA

- BOHN, Pe. Antônio Francisco. **Manual de formação de ministros da Eucaristia**. Ed. Vozes. 2ª edição: Petrópolis, 2012.
- BOMPANI, Pe. Alfieri Eduardo. **Caminho de vida - Preparação para a Crisma Livro 2**. Ed. Santuário.
- BRUNETTI, Pe. Aury Maria Azélio. **Curso de preparação para ministros extraordinários da sagrada comunhão eucarística**. Ed. Ave-Maria. 19ª edição: São Paulo, 2014.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. Edições CNBB. 9ª edição: Brasília, 2008.
- CNBB. Estudo n. 97. **Iniciação à Vida Cristã**. Coleção Estudos da CNBB. Edições CNBB. 1ª edição - 5ª reimpressão: Brasília, 2014.
- CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Catecismo da Igreja Católica**. Edição revisada de acordo com o Texto original em Latim. Ed. Loyola. 10ª edição: São Paulo, 2000.
- GOEDERT, Pe. Valter M. **Orientações para ministros extraordinários da comunhão**. Paulus. 1ª edição, 18ª reimpressão: São Paulo, 2014.
- MAIMONE, José M. **Manual do ministro extraordinário da comunhão eucarística e da palavra**. Ed. Paulus. 1ª edição: São Paulo, 1997.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Coleção Espiritualidade. Ed. Paulus. 1ª edição: São Paulo, 1997.
- TABORDA, Francisco. **A igreja e seus ministros: Uma teologia do ministério ordenado**. Ed. Paulus. 1ª edição: São Paulo, 2011.
- VATICANO II. **Documentos do concílio ecumênico vaticano II**. Ed. Paulus: São Paulo, 1997.
- YOUCAT Brasil. **Catecismo Jovem**. Editora Paulus. 1ª edição. 3ª reimpressão: São Paulo, 2012.